

Tom Wolfe

SANGUE NAS VEIAS

Tradução de
PAULO REIS

The logo for the publisher Rocco, featuring the word "Rocco" in a stylized, handwritten-style script.

O HOMEM NO MASTRO

PLAFT o Barco Seguro quica no ar desce outra vez *PLAFT* em cima de outra marola na baía quica novamente desce em cima de outra marola e *PLAFT* quica no ar com sirenes de emergência Luzes Malucas da polícia explodindo *PLAFT* em uma sequência demente no teto *PLAFT* mas os dois colegas policiais do *PLAFT* patrulheiro Nestor Camacho ali na cabine *los americanos PLAFT* gordos adoram esse troço adoram isso *adoram* pilotar o barco *PLAFT* a 45 milhas por hora contra o vento *PLAFT* quicando *quicando* o raso casco de alumínio *PLAFT* de marola em marola *PLAFT* em marola *PLAFT* rumo à boca da baía de Biscayne para “cuidar do homem no alto do mastro” *PLAFT* “lá perto da ponte de Rickenbacker”...

... *PLAFT los americanos* vão sentados ao leme em assentos com absorvedores de choque embutidos para poderem aguentar todos os *PLAFT* trancos enquanto Nestor, de 25 anos, com quatro como policial mas *PLAFT* recém-promovido à Patrulha Marítima, uma unidade *PLAFT* de elite, e ainda em período de experiência, era *PLAFT* relegado ao espaço atrás deles onde ele *PLAFT* precisava se segurar em algo chamado barra de apoio e *PLAFT* usar as próprias pernas como absorvedores de choque...

Uma barra de apoio! Aquele barco, o Barco Seguro, era o oposto de aerodinâmico. Era *fêeeiiiioooooo...* uma borrachuda panqueca de 25 pés recheada de espuma como convés, e uma sucata de rebocador antigo presa em cima como cabine. Mas seus dois motores tinham 1.500 cavalos de potência e o bicho deslizava sobre a água feito um tiro. Era inafundável, a não ser que

você pegasse um canhão e estourasse buracos de trinta centímetros, muitos deles através do recheio de espuma. Na fase de testes, ninguém conseguira sequer emborcar um desses barcos, por mais insanas que fossem as manobras tentadas. O barco fora construído para salvamentos. E a cabine de sucata em que ele e *los americanos* estavam? Aquilo era a Betty, a Feia, da construção naval... mas à prova de som. Lá fora, a 45 milhas por hora, o Barco Seguro ia erguendo um verdadeiro furacão de ar, água e combustão interna... enquanto ali dentro da cabine você nem sequer precisava erguer a voz... para imaginar que espécie de pirado ia encontrar em cima de um mastro perto da ponte de Rickenbacker.

Um sargento chamado McCorkle, de cabelo louro e olhos azuis, estava ao leme, e seu ajudante direto, o patrulheiro Kite, de cabelo castanho-alourado e olhos azuis, ia no assento ao lado. Os dois eram bem pesadões, com bastante gordura — aqueles cabelos tipicamente alourados — e os olhos azuis! *Os louros!* — *de olhos azuis!* — faziam qualquer um pensar em *los americanos*, mesmo a contragosto.

Kite estava *PLAFT* falando no rádio: — QSM.

Era o código da polícia de Miami para “Repita”.

— Negativo? — *PLAFT*. — *Negativo?* Você está dizendo que ninguém sabe o que ele foi fazer lá? — *PLAFT*. — O sujeito sobe em cima de um *mastro*, começa a *berrar* e ninguém sabe o que ele está *berrando?* — *PLAFT*. — QKT?

Era o código para “Câmbio”.

Estalo de estática estalo de estática.

Radiocom: — QLY. — Era o código para “Positivo”. — Só temos isso. — *PLAFT*. — Quatro três está despachando uma unidade para a ponte. — *PLAFT*. — QKT.

Longo silêncio estupefato. *PLAFT*. — QLY... QRU... QSL.

Era o código para “Desligo”.

Kite ficou simplesmente *PLAFT* sentado ali por um instante, segurando o microfone à frente do rosto, e aguçando o olhar para o objeto como se *PLAFT* jamais houvesse visto aquilo. — Eles não sabem porra nenhuma, sargento.

— Quem está no Radiocom?

— Não sei. — *PLAFT*. — Um canadense qualquer.

Ele fez uma pausa. *Canadense?*

— Tomara que não seja outro imigrante ilegal, sargento. — *PLAFT*. — Esses idiotas são tão loucos que podem matar alguém mesmo sem querer. Pode esquecer qualquer negociação, mesmo quando aparece alguém que sabe falar a porra da língua. — *PLAFT*. — Também nem precisa tentar salvar a porra da vida deles, por falar nisso. — *PLAFT*. — Basta se preparar para um UFC dentro da água com algum mongo doidão de adrenalina. — *PLAFT*. — Se quer saber o que eu acho, sargento, o barato mais violento que existe é esse... adrenalina. — *PLAFT*. — Qualquer motoqueiro viciado em anfetamina é pinto perto de um desses mongos raquíticos pilhados de adrenalina. — *PLAFT*.

Mongos?

Los americanos não se entreolhavam quando falavam. Olhavam direto para a frente, com os olhos tomados pela expectativa de ver um idiota fodido em cima de um mastro perto da ponte de Rickenbacker.

Do outro lado do para-brisa, que se inclinava para a *frente*, e não para trás, sendo o oposto de aerodinâmico, dava para ver que o vento soprava forte, e que a água da baía estava agitada... fora isso, porém, tratava-se de um típico dia do início de setembro em Miami... ainda era verão... nem uma nuvem em qualquer lugar... e, *Jesus*, como fazia calor. O sol transformava o céu inteiro no gigantesco difusor, alto e azul, de um maçarico brilhante a ponto de cegar, criando reflexos explosivos em cada reluzente superfície curva, até as cristas das marolas. Eles haviam acabado de passar em alta velocidade pelas marinas de Coconut Grove. A silhueta curiosamente rosada de Miami elevava-se lentamente no horizonte, calcinada pelos facho solares. Em termos estritos, na verdade Nestor não conseguia ver tudo isso... o matiz rosado, o brilho do sol, o vazio azul do céu, os facho solares... ele simplesmente *sabia* que aquilo estava ali. Não podia ver tudo porque naturalmente estava usando um par de óculos escuros, não só escuros, mas da maior *escuridão*, uma magna *escuridão*, suprema *escuridão*, encimados por

uma barra que imitava ouro. Era isso que todo policial cubano descolado usava em Miami... US\$ 29,95 no varejo... barra de ouro, neném! Igualmente descolado era o seu jeito de manter a cabeça raspada, deixando apenas um pequeno trecho de cabelo aparado lá em cima. Mais descolado ainda era o seu pescoço grosso... mais descolado e nada fácil de conseguir. O pescoço já estava mais largo do que a cabeça e parecia se fundir ao seu trapézio... lá *longe*. Músculos de lutador, neném, e muita malhação com pesos! Um arreio de cabeça, com pesos pendurados... este era o segredo! O pescoço grosso fazia a cabeça raspada parecer a de um lutador turco. Sem isso, qualquer cabeça raspada só pareceria uma maçaneta de porta. Ele era um garoto magricela, com 1,70 m de altura, quando pensara na força policial pela primeira vez. Hoje continuava com 1,70 m, mas... no espelho... era 1,70 m cheio de formações rochosas grandes e lisas, verdadeiros Gibraltares, trapézios, deltoides, dorsais, peitorais, bíceps, tríceps, oblíquos, abdominais, glúteos, quadríceps... tudo *denso*! E quer saber o que era ainda melhor do que pesos para a parte superior do corpo? Subir a corda de quase vinte metros na academia do Rodriguez, a “Ññññññññoooooooooooo!!! Qué Gym!”, como todo mundo falava, sem usar as pernas. Quer bíceps e dorsais densos... e até peitorais? Nada como subir aquela corda de quase vinte metros na academia do Rodriguez... era *denso*! E ainda havia a definição proporcionada pelos profundos vincos escuros que as bordas de cada massa muscular exibiam... diante do espelho. Em torno do pescoço ele tinha uma delicada corrente de ouro com um medalhão daquela santa legal da Santería, Bárbara, padroeira da artilharia e dos explosivos, que ficava em seu peito por baixo da camisa... *Camisa*... Aquele era o grande problema da Patrulha Marítima. Na patrulha de rua um policial cubano feito ele daria um jeito de receber um uniforme de mangas curtas de tamanho menor, para realçar cada protuberância de cada formação rochosa... principalmente, no caso dele, o tríceps, aquele músculo grande atrás do braço. Ele via o seu próprio músculo como o maior triunfo geológico do tríceps... no espelho. Quem era verdadeiramente descolado e cubano mandava apertar tanto os fundilhos da calça que visto por trás parecia estar de sunga com um par

de pernas de calças compridas. Assim, você ficava *suave* aos olhos de toda *jebita* na rua. Fora exatamente desse jeito que ele conhecera Magdalena...
Magdalena!

Suave era o que ele devia estar parecendo quando precisara impedir que aquela *jebita* ultrapassasse a barreira da Décima Sexta Avenida na Calle Ocho. Magdalena começara uma discussão enorme, e a raiva em seus olhos só deixara Nestor ainda mais louco por ela... *¡Dios mío!*... Então ele sorria para ela de certa maneira, e dissera *Eu adoraria deixar você passar... mas não vou fazer isso...* e continuara sorrindo daquela maneira. Duas noites mais tarde, Magdalena contara que pensara, ao ver o sorriso de Nestor, que o enfeitiçara tanto que ele faria sua vontade, mas então ele a cortara com a frase *mas não vou fazer isso...* e ela ficara excitada. Mas... e se naquele dia ele estivesse usando o uniforme de *hoje*? Cristo, ela só notaria que ele estava no seu caminho. O uniforme da Patrulha Marítima... era apenas uma camiseta polo branca larga e um short azul-marinho também largo. Se ao menos ele pudesse encurtar as mangas... mas eles notariam imediatamente. Nestor viraria alvo de chacotas pavorosas... Provavelmente começaria a ser chamado de... “Músculos”?... “Mister Universo”?... ou apenas “Uni” (pronunciado “Iiuni”), o que seria ainda pior. De modo que precisava aturar aquele... uniforme, que fazia qualquer um parecer um enorme bebê retardado no parque. Bom, pelo menos nele aquilo não ficava tão mal quanto naqueles americanos gordos bem à sua frente. Dali, recostado na barra de apoio, ele tinha uma visão próxima demais dos dois por trás... que coisa nojenta... a banha deles borbulhava, formando verdadeiros pneus nos lugares onde as camisetas polo se enfiavam nos shorts. Era patético... e eles tinham obrigação de estar em forma, o suficiente para salvar pessoas em pânico dentro da água. Por um instante Nestor pensou que talvez houvesse virado um fisiculturista esnobe, mas foi apenas um instante. Cara, já era esquisito o bastante atender a um chamado cercado apenas por americanos. Isso nunca acontecera com ele nos dois anos que servira patrulhando as ruas. Haviam sobrado tão poucos deles no efetivo policial. Era duplamente esquisito ser inferiorizado em termos de número

e de *posto* por uma minoria assim. Ele não tinha coisa alguma contra as minorias... os americanos... os negros... os haitianos... os *nicas*, como todo mundo chamava os nicaraguenses. Sentia-se muito aberto em termos de mentalidade, um jovem moderno nobremente tolerante. *Americano* era a palavra que você usava entre outros cubanos. Para consumo público, você falava anglo. Palavra curiosa, anglo. Havia algo... *esquisito*... nela, que se referia a pessoas brancas com ascendência europeia. Haveria algo um pouco defensivo ali, talvez? Não fazia tanto tempo assim que eles... os anglos... dividiam o mundo em quatro cores: os brancos, os negros, os amarelos... e todo mundo que sobrava era pardo. Eles amontoavam todos os latinos juntos como pardos! Embora ali em Miami, em todo caso, a maioria dos latinos, ou uma enorme porcentagem, de qualquer forma um bom número, era tão branca quanto qualquer anglo, exceto pelo cabelo louro... Era nisso que os mexicanos estavam pensando quando usavam a palavra *gringo*: as pessoas com cabelo louro. De vez em quando os cubanos usavam o mesmo termo para obter efeito cômico. Se um carro cheio de garotos cubanos avista uma loura bonita em uma calçada de Hialeah, um deles logo cantarola: — ¡Ayyyyy, la gringa!

Latino... também havia algo *esquisito* nessa palavra, que só existia nos Estados Unidos. Assim como *hispânico*. Quem mais, que diabos, chamava alguém de hispânico? Por quê? Mas a coisa toda já estava fazendo sua cabeça doer... *a voz de McCorkle!*

O som devolveu Nestor ao aqui e agora com um tranco. O sargento de cabelo amarelado, McCorkle, estava dizendo algo para Kite, seu ajudante alourado.

— Isso não me parece um imigrante ilegal. — *PLAFT*. — Nunca ouvi falar de um imigrante ilegal que chegasse em um barco com mastro. — *PLAFT*. — Sabe? Eles são lentos demais, são óbvios demais... além disso, pense no Haiti ou em Cuba. — *PLAFT*. — Não sobraram mais barcos com mastros em lugares assim...

Ele virou a cabeça para o lado e a inclinou para trás a fim de falar por cima do ombro:

— Certo, Nestor? — O sargento pronunciava *Nes-ter*. — Eles nem *têm* mastros em Cuba. — *PLAFT*. — Certo? Diga “Certo”, Nestor.

Nes-ter. Aquilo deixava Nestor irritado... não, *enfurecido*. Seu nome era *Nes-tor*, e não *Nes-ter*, como *los americanos* pronunciavam. *Nest* era ninho em inglês... assim parecia que ele vivia aninhado com o pescoço para cima e a boca escancarada, esperando que a Mamãe chegasse em casa voando e largasse uma minhoca na garganta dele. Obviamente aqueles debiloides nunca tinham ouvido falar do rei Nestor, herói da Guerra de Troia. Esse sargento idiota acha engraçado tratá-lo feito um garotinho de 6 anos de idade com aquela brincadeira: “*Certo? Diga “Certo”, Nestor.*” Ao mesmo tempo, a brincadeira *presumia* que um cubano de segunda geração como ele, nascido nos Estados Unidos, seria tão ligado a Cuba que pudesse, de algum jeito idiota, realmente se *importar* com a presença ou ausência de mastros em barcos cubanos. E mostrava o que eles realmente *pensavam* dos cubanos. :::::Eles ainda acham que nós somos *estrangeiros*. Depois de tanto tempo, ainda não sacaram. Se há estrangeiros em Miami hoje, agora, são *eles*. Seus retardados louros... com esse *Nes-ter*!:::::

Ele ouviu sua voz dizer: — Como *eu* posso saber? — *PLAFT*. — Nunca pus os *pés* em Cuba. Nunca pus os *olhos* em Cuba. — *PLAFT*.

Espere um instante... bum! Imediatamente ele percebe que a coisa soou mal, percebe isso antes de entender racionalmente, percebe que a frase “Como eu posso saber?” ficou pairando no ar feito um gás pútrido. Aquele jeito de martelar “*eu*”... “*pés*” e “*olhos*”! Tão arrogante! Que resposta desastrosa! Mais do que insolente! Ele bem podia ter chamado o sargento de retardado, logo de uma vez! Nem sequer *tentara* esconder a raiva que sentia! Se ao menos tivesse acrescentado um “sargento”! “Como *eu* posso saber, *sargento*?” teria lhe dado uma pequena chance! McCorkle pode representar uma minoria, mas ainda é sargento! Só precisa enviar um único relatório desfavorável... para Nestor Camacho não passar no período de experiência e tomar uma bomba na cabeça! Depressa! Meta um *sargento* aí agora mesmo! Meta logo dois... *Sargento* e *sargento*! Mas não adianta... é tarde demais...

três ou quatro segundos intermináveis já se passaram. Só lhe resta abraçar a barra de apoio e prender a respiração...

Nem um som por parte dos dois americanos louros. Nestor se torna terrivelmente consciente de seu coração *PLAFT* martelando embaixo da camiseta polo. Ociosamente ociosamente ociosamente e daí e daí e daí ele percebe a silhueta do centro de Miami elevando-se cada vez mais, à medida que o Barco Seguro se aproxima velozmente, entre mais e mais “lulus”, como os policiais chamam os barcos de passeio navegados a esmo por civis desavisados tomando sol *PLAFT* gordos demais desnudos demais besuntados demais com bloqueadores solares de FPS 30, e vai passando tão depressa que os lulus parecem *chicoteá-los PLAFT* por trás...

Jesus Cristo! Nestor praticamente dá um pulo. Dali mesmo *PLAFT* atrás da cadeira do sargento McCorkle, ele vê o polegar do sujeito se erguendo acima do ombro. Agora ele está movendo o polegar para Nestor ali atrás sem mexer a cabeça... continua olhando para a frente... e dizendo para o patrulheiro Kite: “Ele não pode saber, Lonnie.” *PLAFT*. “Nunca pôs os pés na porra de Cuba. Nunca pôs os olhos naquela porra.” *PLAFT*. “Ele simplesmente... não pode... saber, porra...”

Lonnie Kite não responde. Provavelmente está como o próprio Nestor... esperando para ver onde tudo isso vai dar... enquanto o centro de Miami se eleva cada vez mais. Lá está a *PLAFT* própria ponte de Rickenbacker, cruzando a baía da cidade até Key Biscayne.

— Tá legal, Nes-ter — diz McCorkle, ainda mostrando a Nestor apenas a sua nuca. — Você não pode saber isso. — *PLAFT*. — Então nos conte o que você *pode* saber, Nes-ter. Que tal isso? Esclareça pra gente. — *PLAFT*. — Você *pode* saber o *quê*?

Meta o sargento aí agora! — Poxa, sargento, não quis dizer isso...

PLAFT.

— Você pode saber que *dia* é hoje? — *PLAFT*.

— *Dia*?

— É, Nes-ter, hoje é um dia específico. Qual dia específico? Você pode saber *isso*? — *PLAFT*.

Nestor sabia que aquele americano grande, gordo e louro estava de sacanagem com ele... e o americano grande, gordo e louro *sabia* que ele sabia. Só que ele não ousava dizer qualquer coisa indicando que *sabia* disso *PLAFT* porque também sabia que o americano grande, gordo e louro estava desafiando-o a dizer qualquer outra coisa *esperta* para poder *realmente* acabar com ele.

Pausa longa... até Nestor, usando *PLAFT* o tom mais ingênuo que consegue, dizer: — *Sexta-feira?*

— Só isso... *sexta-feira?* Você pode saber se não é algo mais do que apenas sexta-feira? — *PLAFT*.

— Sargento, eu...

A voz do sargento McCorkle atropela a de Nestor: — Hoje é a porra do aniversário da porra do José Martí. — *PLAFT*. — É isso que é, Camacho! Por que você não pode saber *disso?*

Nestor sente seu rosto queimando de raiva e humilhação.....Ele ousa falar “*A porra do José Martí!*”! José Martí é a figura mais reverenciada na história de Cuba! Nosso Libertador, nosso Salvador! “*A porra do aniversário!*”... grosseria em cima de grosseria! E ainda o nome *Camacho*, para garantir que Nes-ter receba a grosseria bem na cara! E hoje *não* é o aniversário de José Martí! O aniversário é em janeiro... mas nem isso ousou rebater!.....

Lonnie Kite diz: — Como sabe disso, sargento?

— Sei do quê? — *PLAFT*.

— Que hoje é aniversário do José Martí.

— Eu presto atenção na aula.

— Ah, é? Que aula, sargento?

— Eu andei frequentando a Miami Dade, à noite e nos fins de semana.

— *PLAFT*. — Completei os dois anos. E recebi meu diploma.

— Ah, é?

— Ah, é — disse o sargento McCorkle. *PLAFT*. — Agora vou tentar entrar na EGU. Quero ter um diploma de verdade. Sabe, não planejo fazer disso, ser policial, uma carreira. Se eu fosse canadense, pensaria no assunto. — *PLAFT*. — Mas num sou canadense.

Canadense?

— Olhe, não quero desencorajar ninguém, sargento — disse o patrulheiro Kite, com seus cabelos castanho-alarados. *PLAFT.* — Mas o que me contam é que mais da *metade* dessa universidade é de canadenses, pelo menos o corpo de alunos. — *PLAFT.* — Não sei quanto aos professores...

Canadense... canadense!

— Bom, mas não pode ser tão ruim quanto o nosso departamento...

O sargento interrompeu bruscamente o raciocínio. Mantendo as mãos nos controles, ele baixou a cabeça e empurrou o queixo à frente. Depois disse: — Puta que pariu! — *PLAFT.* — Olhe só ali em cima! Lá está a ponte, e você está vendo aquilo em cima dela?

Nestor não tinha ideia do que ele estava falando. Recuado ali dentro da cabine, ele não conseguia enxergar o alto da ponte.

Então soou a voz cheia de estática do Radiocom. — Cinco, um, seis, zero, nove... cinco, um, seis, zero, nove... qual é o seu QTH? — *PLAFT.* — Precisamos de vocês logo. Quatro-três diz que tem um bando de *tontos* fora dos carros, berrando com o homem no mastro e criando tumulto. — *PLAFT.* — O tráfego foi interrompido nos dois sentidos da ponte. QKT.

Lonnie Kite deu o QLY da Cinco, um, seis, zero, nove, e disse: — QTH. Acabamos de passar por Bricknell rumo à ponte. — *PLAFT.* — Já vemos as velas, vemos algo em cima do mastro, e vemos o tumulto na ponte. — *PLAFT.* — Chegando lá em... hum, sessenta segundos. — *PLAFT.* — QKT.

— QLY — disse o Radiocom. — Quatro-três quer o sujeito embaixo e fora daí o mais depressa possível.

Canadenses! De jeito nenhum os canadenses compunham mais da metade do corpo discente da EGU, a Universidade Global de Everglades, mas os cubanos *compunham*. Então era *esse* o joguinho dos americanos... e nem era um jogo tão esperto assim! Eles eram tão burros que achavam que só um gênio conseguiria sacar o lance! Nestor vasculhou o cérebro tentando lembrar como eles haviam usado a palavra *canadense* poucos minutos antes. E os tais de *mongos*? Também eram cubanos? Latinos? ::::::Até que ponto é insultuoso um americano usar *canadense* para se referir a *cubano*... bem

na sua cara? *Fervendo, fervendo, fervendo...* mas é melhor se controlar aí!::: *Cubano? Canadense? Mongo?* O que importava aquilo tudo? O que importava era que o sargento ficara tão ofendido que estava recorrendo a toneladas de sarcasmo, e até a vilezas, como “a porra do José Martí”. E por quê? Para espicaçá-lo ao ponto de insubordinação flagrante... e depois fazer com que ele fosse afastado daquela unidade de elite, a Patrulha Marítima, e rebaixado ao posto mais inferior... ou até expulso da força! *Rifado! Chutado!* Bastava que ele comesse a se insubordinar contra seu comandante em um momento crucial da missão... o momento em que o departamento inteiro aguardava que eles tirassem um idiota de um mastro na baía de Biscayne! Ele estaria acabado! *Acabado...* e com Magdalena também! *Magdalena!* Ela já vinha agindo de modo estranho, distante, e agora ele viraria lixo... expulso do efetivo policial, humilhado de forma terminal.

O sargento estava desacelerando o barco. Os *PLAFTS* foram ficando menos violentos e frequentes à medida que eles se aproximavam do enorme veleiro branco. Estavam chegando por trás.

O patrulheiro Loonie Kite se inclinou sobre o painel de instrumentos e lançou o olhar para cima. — Minha nossa, sargento, esses mastros... nunca vi mastros tão altos na vida. São da altura da porra da ponte, e na média a porra da ponte fica 27 metros acima da porra da água!

Ocupado em atracar o Barco Seguro ao lado do veleiro, o sargento nem sequer ergueu o olhar. — Isso é uma escuna, Lonnie. Já ouviu falar em “navios altos”?

— Ah, é... acho que sim, sargento, acho que ouvi.

— Eram construídos para serem velozes, lá no século XIX. É por isso que têm mastros tão altos. Assim você pode ter mais velame. Isso era na época em que eles apostavam corrida para chegar primeiro aos navios naufragados, que estivessem chegando ao porto, ou em qualquer outra situação, para pegar o butim antes. Aposto que esses mastros têm de altura o mesmo que o casco tem de comprimento.

— Como sabe tudo isso sobre escunas, sargento? Nunca vi alguma por aqui. Nenhuma.

— Eu presto atenção...

— Na aula! Ah, é... eu quase esqueci, sargento — disse Lonnie Kite. Ele apontou para cima. — Caraca... lá está o cara! O homem do mastro! Bem em cima do mastro dianteiro! Eu achei que era uma trouxa de roupa suja, ou um pedaço de lona, coisa assim. Olhem só para ele! Está na mesma altura daqueles *tontos* lá na ponte! E, cara... parece que eles estão berrando uns com os outros...

Nestor não conseguia enxergar coisa alguma, e nenhum deles conseguia ouvir o que estava acontecendo, já que a cabine do Barco Seguro era à prova de som. O sargento já desacelerara o barco totalmente, a fim de atracar ao lado da escuna. Eles acabaram parando a poucos centímetros de distância.

— Lonnie, assumo o leme — disse o sargento. Ao se levantar do assento, olhou para Nestor como se houvesse esquecido que ele existia. — Tá legal, Camacho. Faça algo útil... *abra a porra da escotilha*.

Nestor olhou para o sargento com um medo abjeto. Dentro de seu crânio, fez até uma oração. *.....Por favor, Deus Todo-poderoso, eu vos imploro. Não me deixai fazer cagada.....*

A “escotilha” era uma porta dupla deslizante, à prova de som, na lateral da cabine, e dava para o convés. Todo o universo de Nestor subitamente se concentrou naquela porta, e na verdadeira prova olímpica que era abri-la com força e velocidade máximas... mantendo ao mesmo tempo um máximo de controle... *agora... imediatamente!Por favor, Deus Todo-poderoso, eu vos imploro... aqui vai.....*

Ele conseguiu! Conseguiu! Com o poder fluido de um tigre, conseguiu! Conseguiu o quê? Deslizá-la! Fez uma porta deslizante deslizar até abrir! Sem fazer cagada!

Lá fora... era o caos. O barulho entrou tonitruante na cabine sacrossilenciosa: o barulho e o calor. Cristo, como fazia calor naquele convés! Escaldante! Enervante! Aquilo massacrava qualquer um. Só ficava tolerável devido ao vento que encapelava a baía. O vento tinha força suficiente para criar seu próprio assobio, *ESTAPEAR* o casco da escuna com marolas

e *AGITAR* as enormes velas que enchiam os dois mastros... *AGITAR* as duas até virarem nuvens de um brilho branco antinatural... o sol de Miami no verão! Nestor ergueu o olhar para aquela bola de fogo... ardendo sozinha... e mesmo com seus óculos de escuridão suprema não tentou isso outra vez... olhar para aquele maçarico diabólico, que tomava o céu inteiro. Mas isso nada significava, diante do *TURBILHÃO* de vozes humanas. Brados! Exortações! Imprecações! Súplicas! Apupos! Grandes uivos e rangidos de dentes a um quilômetro da praia, no meio da baía de Biscayne!

O sargento saiu da cabine sem a menor olhadela para Nestor. Ao desembarcar, porém, fez um sinal brusco com a mão à altura do quadril, indicando que Nestor deveria ir atrás dele. Ir *atrás* dele? Nestor foi atrás dele feito um cachorro.

O sargento e seu cachorro passaram para o convés da escuna... que mais parecia um hospício! Os passageiros, se é que eram isso mesmo, estavam inclinados sobre a amurada, gesticulando e tagarelando coisas para Nestor e o sargento... *los americanos*, o bando todo... de cabelo castanho-claro ou alourado... metade eram garotas... quase completamente nuas! Cabelos louros desgrehados! As calcinhas dos biquínis eram fiapos que nem sequer cobriam o *mons pubis*! Os sutiãs consistiam em dois triângulos de pano que escondiam os mamilos, mas deixavam de fora os seios saltando pelos dois lados e acenando: *Quer mais?* Nestor não queria. Naquele momento, nada poderia lhe interessar menos do que paquerar americanas lúbricas. Elas se desintegravam nas orações dele, que se resumiam a: *Por favor, Deus Todo-poderoso, eu vos imploro, não me deixai... fazer cagada!*

O sargento foi direto para o mastro dianteiro. Nestor foi direto para o mastro dianteiro. O sargento olhou para cima. Nestor olhou para cima. O sargento viu o sujeito misterioso empoleirado em cima do mastro. Nestor viu o sujeito misterioso empoleirado em cima do mastro... uma silhueta contra a abóbada do maçarico assassino, um volume negro cerca de seis ou sete andares acima do convés. Uma verdadeira tempestade de vozes roucas cascadeava lá de cima, no meio da cacofonia de furiosas buzinas de automóveis. O sargento olhou para cima novamente. Nestor olhou para

cima novamente. Os dois policiais precisavam inclinar o pescoço totalmente para trás a fim de verem de onde vinha a algazarra. Era de matar olhar assim para a arcada superior da ponte... Uma multidão enraivecida estava inclinada sobre a balaustrada, com duas, três ou sabe Deus quantas fileiras de profundidade. As pessoas estavam a uma altura tão grande que suas cabeças pareciam do tamanho de ovos. Até Nestor, com seus óculos de suprema escuridão, não conseguia olhar para elas por mais de um instante. Era como estar na rua, ao pé de um prédio de oito ou nove andares, com uma multidão berrando inexplicavelmente com você de um telhado incendiado pelo sol. E *lá* em cima... praticamente ao nível dos olhos da multidão, praticamente à mesma altura acima do convés, estava o tal homem. O sargento olhava para ele diretamente por baixo. Nestor olhava para ele diretamente por baixo. Protegendo os olhos com as mãos, eles conseguiam ver que o sujeito *realmente* parecia uma trouxa de roupa suja, como bem descrevera Lonnie Kite... não, parecia coisa pior que isso... parecia uma trouxa de roupa imunda e encharcada. O sujeito estava ensopado. Suas roupas, sua pele, até seus cabelos pretos... ao menos a parte que eles conseguiam ver... tudo nele já assumira a mesma cor marrom-acinzentada, encharcada e pastosa, como se ele houvesse acabado de sair rastejando de uma tubulação de esgoto. Também não ajudava a movimentação espasmódica da sua cabeça, enquanto ele apelava aos gritos para a multidão na ponte, estendendo as mãos contorcidas com as palmas viradas para cima, formando duas taças. Mas como ele conseguia permanecer lá em cima sem se agarrar ao mastro? Ahhhhh... ele encontrara uma espécie de assento... mas como chegara lá, em primeiro lugar?

— Patrulheiro! Patrulheiro!

Um grande *lulu* banhudo, de uns 30 anos no máximo, plantara-se diante do sargento McCorkle e não parava de apontar o indicador para o homem em cima do mastro. Havia medo em seu rosto, e ele falava tão depressa que as palavras pareciam se atropelar, saltando umas por cima das outras, cambaleando, tropeçando, ricocheteando e espalhando-se desesperadamente.

— Não tem o que fazer aqui ele tipo veio dali, patrulheiro, eu nunca conheci o cara tipo vi antes sabe a multidão aí o que eles o cara está tão irritado em cima querem vai atacar meu barco tipo só aquele mastro para destruir tudo custou uma fortuna sabe é só disso que eu preciso...

Bastava ver o cara para perceber que ele era *frouxo*, mas de um jeito *luxurioso*, foi o veredicto imediato de Nestor. Tinha uma papada cheia, mas tão lisa e amanteigada que parecia ter atingido o nível de perfeição de um pudim. Também tinha barriga, mas uma barriga que criava uma parábola perfeita desde o esterno até a parte abaixo da cintura; era a barriga incomparável da Juventude Ociosa, sem dúvida criada pelos mestres-cucas mais queridos, ternos, tenros e saborosos do mundo. Por cima do arco perfeitamente parabólico das tripas esticava-se uma camisa verde-maçã, de algodão, sim, mas um algodão tão fino e tão recém-saído-da-caixa que tinha um brilho verde-maçã perfeito... em resumo, um rematado viadinho o tal sujeito, um viadinho cujas palavras continuavam saindo pela boca em um emaranhado de atitude viada entremeada de medo:

— ... maluco assassino estou fodido vai *me* processar! E o otário que é processado sou *eu*! Maníaco delirante que nunca vi antes escolhe logo *eu*!

O sargento ergueu as duas mãos à altura do peito, com as palmas para fora, como quem diz: *Opa, calma aí.*

— Mais devagar! Esse barco é seu?

— É! E sou eu que...

— Só espere um *pouco*. Qual é o seu nome?

— Jonathan. O negócio é que, tipo, assim que eu...

— Você tem, *tipo*, um sobrenome?

O viado banhudo olhou para o sargento como se ele houvesse perdido a razão. Então disse: — Krin?

Parecia quase uma pergunta, “K, R, I, N?”. Por ser membro da primeira geração a não usar sobrenomes, ele achava arcaico tal conceito.

— Tá legal, Jonathan... por que você não me conta como ele chegou lá?
— disse o sargento, bombeando três vezes as palmas das mãos em direção ao convés, como quem diz: *Calmamente, sem ficar nervoso.*

Aparentemente aquele rapaz corpulento, mas corpulento à perfeição, convidara seus amigos para um cruzeiro pela baía de Biscayne, rumo à casa e à marina de um amigo, que ficavam em um enclave litorâneo repleto de celebridades, adequadamente conhecido como Star Island. Ele não vira por que não poderia passar com o mastro de 24 metros da escuna sob o arco de 27 metros da ponte... até se aproximar e a coisa começar a parecer perigosa, devido ao vento, ao mar agitado e às marolas que estavam fazendo a escuna balançar um pouco. Então eles ancoraram a vinte metros da ponte, e todos os oito foram até a proa estudar a situação.

Um deles por acaso se virara e dissera: — Ei, Jonathan, tem um cara no convés lá atrás! Ele acabou de subir a escada!

E, claro, havia um baixinho magricela, inteiramente ensopado, resfolegando ali... um sem-teto, pensaram todos. De alguma forma, ele galgara a escada da popa, usada para entrar e sair da água. Ficou ali parado, pingando na parte traseira do convés, olhando para eles. Então foi se aproximando devagar, cautelosamente, ainda ofegante, até que Jonathan, como proprietário e capitão do barco, gritou: — Ei, espere aí, o que você acha que está fazendo?

O cara parou e começou a agitar as duas mãos com as palmas para cima, arquejando e balbuciando palavras que eles pensaram ser em espanhol. Mas Jonathan continuou gritando: — Caia fora daqui! Saia! Vá se foder!

Em meio a outras ordens inamistosas, o vagabundo, que era o que todos pensavam que ele era, começou a correr com as pernas meio tortas, cambaleando e quase caindo, mas não para longe deles, e sim diretamente para eles. As garotas começaram a berrar. O vagabundo parecia um rato molhado. Metade de seu cabelo parecia grudada no rosto. Ele tinha os olhos esbugalhados. A boca estava escancarada, talvez simplesmente porque ele ainda não conseguira recuperar o fôlego, mas dava para ver seus dentes. Ele parecia psicótico. Os homens começaram a gritar com ele, agitando os braços naquela espécie de gesticulação cruzada que os juizes de futebol usam para indicar que o gol não valeu. O vagabundo continua se aproximando, e já está a poucos metros deles. As garotas continuam berrando,

fazendo uma barulhada infernal. Os homens também estão berrando, porque a essa altura seus gritos quase viraram berros, e agitando os braços acima da cabeça. Então o vagabundo se vira, corre até o mastro dianteiro e sobe até o topo.

— Espere aí — diz o sargento McCorkle. — Volte um instante. Tá legal, então ele está no convés lá atrás e depois vem avançando de lá até aqui. Vocês tentaram deter o sujeito? Alguém tentou fazer isso?

Jonathan desviou o olhar, respirou fundo e disse: — Bom, o negócio é que... ele parecia psicótico. Entende? E talvez tivesse, tipo, uma arma... sabe? Um revólver, uma faca. Não dava pra dizer.

— Entendi — disse o sargento. — Ele parecia psicótico, talvez tivesse uma arma, não dava pra dizer e ninguém tentou deter o cara.

Ele falou isso não como quem pergunta, mas como quem recita... um tipo de gozação cara de pau que os policiais adoram.

— Hum... é isso mesmo — disse o grande Jovem Ocioso.

— Como ele subiu no mastro? — disse o sargento. — Você falou que ele estava sem fôlego.

— Tem um cabo que dá pra ver bem ali, descendo pelo mastro. Lá em cima tem uma roldana e um cesto de gávea. Você entra no cesto aqui embaixo e é içado por alguém até lá em cima.

O sargento McCorkle apontou para cima. — E quem içou o cara até lá?

— Bom, ele... você pode usar o cabo e se içar até lá, se precisar.

— Isso deve demorar um pouco — disse o sargento. — Você tentou deter o cara? Alguém tentou?

— Bom, como eu falei, ele parecia...

— Psicótico — disse McCorkle, terminando a frase para ele. — E talvez tivesse uma arma escondida.

O sargento balançou a cabeça para cima e para baixo, bancando o policial compreensivo. Depois virou os olhos para Nestor, erguendo as sobrancelhas como quem diz: Que bando de *bichinhas*, hein?

Ah, que bênção! Para Nestor, a essa altura, aquele olhar equivalia a uma Medalha de Honra! O sargento o reconheceu como um membro

da corajosa irmandade dos policiais! Ele já não era apenas um estagiário na Patrulha Marítima, que só sabia atrapalhar as coisas.

Transmissão do Radiocom: — O cara alega ser um dissidente anti-castrista... a ponte está cheia de cubanos, exigindo asilo para ele. Mas no momento isso não importa. No momento vocês só precisam descer o cara de lá. Temos oito pistas de trânsito na ponte, mas nada está se mexendo. Qual é o seu plano? QKT.

Nada mais era necessário. Para qualquer policial de Miami, principalmente um como Nestor ou o sargento, isso bastava para explicar... o homem no mastro. Sem dúvida contrabandistas cubanos haviam trazido o sujeito até a baía de Biscayne a bordo de uma embarcação de alta velocidade, como uma lancha cigarette, que passava de 70 milhas por hora no mar, o largado ou o jogado ali na água perto da margem, dado meia-volta e corrido de volta para Cuba. Por esse serviço, ele provavelmente desembolsara algo em torno de 5 mil dólares... em um país onde o salário médio de um médico é de 300 dólares por mês. De modo que agora ele se vê boiando na baía. Então avista a escada na traseira da escuna e sobe, possivelmente acreditando que o barco está atracado, já que não se move, e que ele poderá simplesmente andar até a margem, ou pelo menos que o barco o levará até a ponte. Para receber asilo, é só isso que qualquer cubano precisa fazer: colocar o pé em solo americano ou em qualquer estrutura que se estenda a partir do solo americano, tal como a ponte... qualquer *cubano*. Já os refugiados de outras nacionalidades não tinham esse privilégio. Os cubanos gozavam do status migratório mais favorecido da América. Se um refugiado cubano pusesse o pé em solo americano ou uma estrutura americana, era classificado como “pé seco” e estava a salvo. Se fosse detido na água, porém, seria enviado de volta a Cuba, a menos que conseguisse convencer um investigador da Guarda Costeira de que ele encararia uma “ameaça crível”, tal como uma perseguição comunista, caso fosse obrigado a voltar. O homem no mastro já conseguiu sair da água, mas está em um barco. Portanto, quando Nestor e o sargento chegam, tecnicamente ele ainda está “na água”, e é classificado como um “pé molhado”. Os *pés molhados* não têm sorte. São levados pela

Guarda Costeira até Guantánamo, onde basicamente são soltos na mata, feito um bicho de estimação indesejado.

Neste momento, porém, os membros do alto comando policial não estão pensando nessas coisas. Pouco se importam se ele é um pé molhado, um pé seco, um alienígena cubano ou um mongol perdido. Só querem saber de tirá-lo do mastro, para que o tráfego na ponte possa voltar ao normal.

O sargento desviou o olhar e seus olhos focalizaram... um ponto imaginário a meia distância. Ele manteve essa postura pelo que pareceu ser uma eternidade. Por fim olhou outra vez para Nestor e disse: — Tá legal. Você acha que consegue subir naquele mastro, Camacho? O cara não fala inglês. Mas *you* pode conversar com ele. Dizer que a gente não tem interesse em prender ninguém, nem mandar ninguém de volta para Cuba. Só queremos que ele desça de lá, para não cair e foder com o pescoço... ou ficar lá e acabar me fodendo.

Isso era verdade. O departamento instruía os policiais abertamente a não se envolverem com assuntos relativos a imigrantes ilegais. Isso era problema do governo federal, do Departamento de Imigração, do FBI e da Guarda Costeira. Já Nestor Camacho tinha outro problema, ou problemas: subir em um mastro de 24 metros... e convencer um pobre cubano, magriçela e apavorado, a descer do maldito mastro com ele.

— Então... você consegue, Camacho?

As respostas *verdadeiras* eram “Não” e “Não”. Mas as únicas *possíveis* eram “Sim” e “Sim”. Como ele poderia ficar ali parado e dizer: “Bom, para falar a verdade, sargento, eu não falo espanhol direito... e certamente não o suficiente para convencer alguém de alguma coisa.”

Ele era como muitos cubanos de segunda geração. Entendia espanhol, porque em casa seus pais só falavam espanhol. Na escola, porém, apesar do falatório sobre bilinguismo, praticamente todos só falavam inglês. Havia mais estações e rádio e TV em espanhol do que em inglês, mas os programas melhores eram em inglês. Os melhores filmes, os blogs (e o material pornô on-line), os videogames, as músicas mais quentes, os últimos lançamentos em matéria de iPhones, BlackBerries, Androids, teclados... tudo era criado

para ser usado em inglês. Logo você se sentia aleijado... *totalmente por fora...* se não soubesse inglês, usasse inglês e *pensasse* em inglês, coisa que por sua vez exigia que você dominasse o inglês coloquial americano tão bem quanto qualquer anglo. Antes que se desse conta, e isso um dia sempre lhe ocorria subitamente, você já não conseguia funcionar em espanhol muito melhor do que um aluno da sexta série. Essa parte da verdade honesta passou velozmente pela cabeça de Nestor. Mas como ele poderia explicar tudo isso aos dois americanos? A desculpa soaria tão esfarrapada... e talvez até medrosa! Talvez ele simplesmente não estivesse à altura de uma missão como aquela. E como ele poderia dizer “Caramba, não sei se consigo subir esse mastro ou não”?

Totalmente impossível! As únicas alternativas que ele tinha eram... fazer o troço e ter sucesso... ou fazer o troço e se arrebentar. Para complicar as coisas ainda mais, havia o temperamento da multidão lá na ponte. Ele estava sendo vaiado pelo pessoal! Desde o momento em que Nestor e o sargento haviam embarcado na escuna, a multidão se tornara constantemente mais veemente, feia, hostil e loquaz. De vez em quando Nestor conseguia discernir um brado individual:

— *Libertad!*

— *Traidor!*

— *Comemierda, hijo de puta!*

Assim que ele começasse a subir naquele mastro, estaria na mira da multidão... e ele próprio era cubano! Eles logo descobririam isso, não? Ele não podia ganhar, podia? Por outro lado... ele se perdeu no espaço por um instante... olhando para o homem no mastro já sem realmente vê-lo. E a pergunta lhe ocorreu feito uma revelação: “O que é a culpa?” A culpa é um gás, e os gases se dispersam, mas os oficiais superiores não. Depois que cravam os dentes em você, são tenazes feito um cachorro. A possível desaprovação de sua própria gente não era, nem sequer remotamente, tão ameaçadora quanto a desaprovação daquele americano louro de olhos azuis, o sargento McCorkle, que já estava pronto para acabar com ele...

E para quem ele virou e disse: — Sargento... eu consigo.

Agora ele estava comprometido, conseguindo ou não fazer aquela proeza. Então avaliou o mastro, inclinando a cabeça para trás e olhando para cima. Lá... lá... lá em cima... Jesus! O sol queimava seus globos oculares, com suprema escuridão ou sem suprema escuridão. Ele já começara a suar, com ou sem vento! *Cristo*, como era quente ali fora: ele parecia estar sendo grelhado no convés de uma escuna no meio da baía de Biscayne. O sujeito no topo do mastro parecia ter o tamanho, a cor e a forma indefinida daqueles sacos plásticos de lixo em tom marrom-titica. Ele continuava se contorcendo e se debatendo... lá em cima. Seus dois braços se estenderam silhuetados outra vez, sem dúvida com os dedos novamente unidos em forma de taça, feito um suplicante. Ele devia estar se balançando pateticamente naquela cadeira de contramestre, porque ficava se esticando e depois se encolhendo, como se estivesse berrando para a multidão. *Cristo*, aquilo era muito alto! Nestor baixou a cabeça para avaliar o mastro em si. Ali embaixo, onde se unia ao convés, o maldito negócio era quase tão grosso quanto a cintura dele. Enrolar as pernas ali e ir subindo levaria uma eternidade... palmo a palmo, abraçando pateticamente um mastro de barco com 24 metros... a lentidão era humilhante demais para se imaginar... mas espere um instante! O tal cabo que o rapaz marrom-titica usara para se içar ao topo... estava ali, erguendo-se ao longo do mastro a partir de um rolo de cordame frouxo no convés. Na outra ponta estava o imigrante ilegal em si, colado ao topo do mastro na cadeira de contramestre. :::::Já subi quase vinte metros por uma corda sem usar as pernas::: ocorreu a Nestor :::::e poderia ter subido até mais, se o Rodriguez tivesse um teto mais alto na tal da “Ññññññoooooooooooooo!!! Qué Gym!” Mas 24 metros... *Cristo!* Não? Mas eu não tenho escolha::::: Era como se não fosse ele, mas seu sistema nervoso central, quem estivesse comandando as coisas. Antes que conseguisse criar uma memória daquilo, Nestor pulou, agarrou o cabo e começou a subir... *sem usar as pernas*.

Uma feia cascata de vaias e xingamentos jorrou sobre ele lá de cima. Que nojo! Os policiais iam prender um pobre refugiado no topo de um mastro e mandá-lo de volta a Fidel, usando para isso um cubano, um cubano

vira-casaca, para fazer o trabalho mais sujo, mas nada disso chegava a alcançar o assento racional da justiça no hemisfério esquerdo do cérebro de Nestor, que estava fixado em uma plateia individual... o sargento McCorkle :::::e por favor, ó Senhor, eu vos imploro, não me deixai fazer cagada!::::: Ele percebe que já subiu praticamente metade do percurso só com as mãos... ainda sem usar as pernas. O próprio ar parece apenas um barulho sufocado com loucura... Jesus, seus braços, suas costas e seu peito estão chegando à beira da exaustão. Ele precisa fazer uma pausa, precisa parar... mas não há tempo. Ele tenta olhar em volta. Está engolfado por nuvens de lona branca, as velas da escuna... Ele dá uma olhadela para baixo... não consegue acreditar. O convés parece tão *distante* lá embaixo... ele só pode ter subido *mais* da metade do mastro... 14 ou 15 metros. Os rostos no convés estão todos virados para cima, na direção dele... como parecem pequenos. Ele tenta discernir o sargento... *aquele* é ele? Não dá para dizer... eles não estão mexendo os lábios... poderiam muito bem estar em transe... rostos americanos rostos americanos... fixados nele. Ele olha direto para cima... para o rosto do homem no mastro... que já deslocou o corpo imundo para o lado, a fim de poder olhar para baixo... ele sabe muito bem o que está acontecendo... a multidão na ponte... seu dilúvio de nojeiras... dirigido a Nestor Camacho! Quanta imundície!

— *Gusano!*

— Porco *traidor* imundo!

Ah, aquele fardo de roupa suja sabe. Toda vez que seu caçador agarra o cabo a fim de se içar mais alto, o fardo sujo sente um tranco *pequeno* na cadeira de contramestre. O velame começa a *FARFALHAR FARFALHAR FARFALHAR* ao vento... as nuvens de lona são sopradas para o lado por um momento... lá está a multidão na ponte... Cristo! Eles já não estão mais muito acima dele... suas cabeças pareciam do tamanho de ovos... agora estão mais para melões... uma grande galeria sórdida de rostos humanos contorcidos... meu próprio povo... com ódio de *mim*? A frase *Vou me danar se conseguir e vou me danar se não conseguir* cintila em seu sistema nervoso central... mas vou ser rebaixado de volta a guardinha, ou coisa pior, se não

conseguir. Que merda! O que é aquilo rebrilhando sob o sol? *A lente de uma câmera de TV... e, merda!* Lá está outra... e, *merda!* Outra lá também. *Por favor, ó Senhor, eu vos imploro...* O medo o atinge feito uma maciça injeção de adrenalina... Não me deixai... Ele continua subindo, só com as mãos, sem usar as pernas. Então olha para cima. O homem no mastro está a apenas três metros mais acima! Ele está olhando direto para seu rosto! Que expressão... de animal encurralado... de rato condenado... encharcado, sujo, exausto... ofegante... quase incapaz de gritar por uma salvação milagrosa.

.....*Ay, San Antonio, ayudame. San Lazaro, este conmigo.....*

Agora Nestor... *precisa* parar. Já está perto do topo o suficiente para ouvir os pedidos do homem, acima do barulho que vem da ponte. Ele enrola as pernas no mastro e fica imóvel.

— *¡Te suplico! ¡Te suplico!* Você não pode me mandar de volta! Eles vão me torturar até eu entregar *todo mundo!* Vão destruir minha família. Tenha piedade! Há cubanos naquela ponte! Eu estou implorando! Um a mais é um fardo tão intolerável assim? Estou implorando, implorando! Você não sabe o que é aquilo! Não vai só me destruir, vai destruir um movimento inteiro! Eu imploro! Imploro por asilo! Imploro por uma chance!

Nestor sabia espanhol o suficiente para entender o sentido geral do que o sujeito estava dizendo, mas não conseguia lembrar de palavras que pudessem acalmá-lo e convencê-lo a descer. “Ameaça crível”... era isso! Ele podia falar ao sujeito da tal “ameaça crível”... um refugiado como ele seria ouvido pela Guarda Costeira ali mesmo no convés, e receberia asilo caso os guardas acreditassem que ele corria perigo devido à existência de uma “ameaça crível”. A palavra que significava “crível”... qual era a maldita palavra para crível? Talvez a mesma que em inglês? Mas “ameaça”... ameaça... qual era a maldita palavra para ameaça? Ele sabia que já soubera... *passou ali!* Direto pelo seu cérebro, antes que ele pudesse agarrá-la. Tinha um z ali um z ali um z ali... *outra vez quase a pegara!* Mas novamente se fora. Por falar nisso, que tal uma audiência oficial? Ele precisava dizer *alguma coisa... qualquer coisa...* de modo que vasculhou o cérebro, ergueu o olhar para o rosto do homem e disse: — *La historia...*

Parou bem a tempo! O que estava acontecendo com ele? Uma famosa citação de Fidel Castro era o que seu pobre cérebro desesperado quase deixara escapar!

Vaias, provocações e todos os tipos de insultos veementes choviam das pessoas amontoadas junto à balaustrada da ponte. O sujeito no mastro baixou o olhar ansioso para Nestor, tentando entender o que ele dissera, e perguntou: — *¿Como?*

Aquilo era enlouquecedor! Depois de subir vinte metros de cabo sem usar as pernas... ele não conseguia se fazer entender! Precisava chegar mais perto. Voltou a subir pelo cabo novamente, só com as mãos. Então ergue o olhar para o pobre rato afogado. O rosto dele parece... chocado. Como ele pode dizer ao sujeito que não está subindo para prendê-lo? Não consegue lembrar das palavras! De modo que interrompe a subida e enrola as pernas no cabo, livrando a mão direita para fazer um sinal tranquilizador. Mas que sinal? Ele só consegue pensar no sinal de paz. Então abre o indicador e o dedo médio em forma de V. O rosto do sujeito, já a pouco mais de um metro acima de Nestor, muda de chocado para... aterrorizado, e ele começa a se levantar da cadeira de contramestre. Jesus Cristo, o que esse cara pensa que está *fazendo*? Está no alto de um mastro de 24 metros, sem qualquer apoio além daquela cadeira minúscula... e quer se levantar! Ainda tenta ancorar os pés no suporte da roldana... já está fora da cadeira, balançando agachado em cima de um mastro que oscila sobre um mar encapelado! Nestor vê que o pior está prestes a acontecer: ele escalou vinte e poucos metros por um cabo, só com as mãos, apenas para provocar a queda mortal de um pobre refugiado. E a culpa é de quem? Dele mesmo, Nestor Camacho! Que fez toda a Patrulha Marítima da Polícia de Miami... que diabo, a força inteira... parecer um bando de perseguidores implacáveis e assassinos brutais de um pobre homem cujo único pecado foi tentar botar o pé em solo americano! Quem cometeu esse crime desapiedado? Nestor Camacho, encarnação da infâmia!

Com dois furiosos movimentos de mão, ele chega à cadeira de contramestre e tenta alcançar a perna do sujeito, ou até o pé... mas é tarde

demais! O homem tomba à frente... *para a morte!* Um fogo feroz entra em erupção dentro do crânio de Nestor... Não! O homem tombou à frente sobre o cabo. Está tentando descer deslizando de costas... esse pobre rato marrom-acinzentado, magricela e sujo... vai se matar assim! O cabo desce, em uma trajetória íngreme, do mastro até o gurupés... são mais de trinta metros. Nestor se agacha na cadeira de contramestre... Por um instante, vê a multidão na ponte. Está no mesmo nível das pessoas... que formam três, quatro, cinco fileiras. Clarões! Clarões! Clarões! Estão explodindo nas câmeras! Cabeças pululam para ter uma visão melhor do espetáculo... um cartaz! Alguém ali tem um cartaz tosco... tirado de onde? Escrito como? POLICIAIS FIDELISTAS TRAIDORES... nunca foi tão odiado por tanta gente. Ele baixa o olhar... e fica tonto... é como se estivesse à beira do telhado de um prédio de dez andares. A água é uma folha de aço azul-acinzentado repleta de clarões dançantes. Barcos! Barcos pequenos em torno da escuna... saídos do nada! Insetos sugadores de sangue... um barco com um cartaz. Será que realmente diz o que ele acha que diz? *¡ASILO AHORA!*

Tudo isso em um instante... Culpa! Medo! Horror! Mas o maior deles é a Culpa! Nestor não pode deixar o herói deles morrer diante de todos! Ele abaixa o corpo e agarra o cabo... de nada adianta tentar alcançar o sujeito deslizando... instintivamente, da forma como faziam no campo de treinamento, ele começa a balançar no cabo só com as mãos, descendo cada vez que balança, e mantendo os olhos naquela suja presa marrom-acinzentada... Seus braços, seus ombros, as palmas de suas mãos... que agonia! Ele vai se despedaçar... a apenas duas braçadas do sujeito. O corpo dele ainda está em cima do cabo, mas oscila de um lado para o outro... tão magricela... sem força suficiente para fazer esse troço... ele ergue a cabeça e encara Nestor diretamente... pior do que terror... é uma total desesperança que se instala no coitado do escroto... ele está acabado! O pobre-diabo oscila tanto que nem consegue se manter em cima do cabo... fica pendurado debilmente pelas mãos durante o momento final. *É agora* ou nada! Para o coitado do escroto! Para Nestor Camacho! Ele alcança o coitado do escroto com mais duas braçadas... para fazer o *quê?* Só uma coisa é possível. Ele passa as pernas

em torno da cintura do rato magricela e enlaça os dois tornozelos... o coitado do escrotinho larga o cabo e desaba. O tranco bruto choca Nestor... que peso morto! :::::Meus braços arrancados do corpo à altura dos ombros!::::: Não acredito que ele ainda está aqui... um organismo composto de pura dor, desde as mãos ardentes até os sartórios das pernas entrelaçadas... vinte metros acima do convés... suportar tanto peso com uma só mão enquanto balança a outra para descer pelo cabo... *impossível*... mas se ele não conseguir... *¡Dios mío!* Estará fazendo cagada! E não só fazendo cagada... fazendo cagada na TV... fazendo cagada diante de *milhares*, *centenas* de milhares, *milhões*... que bem poderiam ser bilhões... já que seria preciso apenas um, um sargento americano pomposo e cheio de *mierda* chamado... *bum!*

*¡Caliente! Caliente baby
Got plenty fuego in yo caja china,
Means you needs a length a Hose put in it,
Ain' no maybe...*

É o iPhone tocando no seu bolso! :::::Que idiota! Estou a um triz da morte, segurando um homem com as pernas e descendo junto com ele por um cabo de trinta metros, só com as mãos... sem ter como desligar o maldito troço! Uma porcaria de canção do Bulldog... e que nem é a coisa real, Pitbull! E não consigo evitar que as palavras penetrem na minha cabeça:::::

*... 'bout it.
Hose knows you burnin' up wit'out it.
Don'tcha try deny it,
'Cause Hose knows you dyin' a try it...*

... quando ele precisa de cada neurônio, cada dendrito, cada sinapse, cada gêmula em sua mente para se concentrar na terrível sinuca em que se meteu. Se despencar mais de vinte metros sobre o convés de um barco porque seu iPhone está cantando...

*Hose knows all!
Knows you out tryin' a buy it,
But Hose only gives it free*

... então é melhor morrer logo, cacete! É melhor não acordar todo anesthesiado em uma cama hospitalar com motor elétrico, dentro de uma morosa unidade de tratamento intensivo, rotulado como “crítico, mas estável”... que ignomínia mortificante! Mas... não há escolha! Ele *precisa* conseguir! As duas mãos ainda seguram o cabo, e as duas pernas seguram *o quê?* Os *sessenta quilos, talvez...* de um homúnculo em pânico, e *lá vamos nós!* Ele solta uma das mãos... e *é isso* aí... não dá mais para voltar! A força para baixo... *centrifuga...* :::::Estou perdido!::::: Uma só mão! Intolerável, a *força centrifuga* :::::arrebetando meu manguito rotador, arrancando meu braço do corpo!... meu pulso fora do braço! Minha mão fora do pulso! Nada resta, exceto...

*To his fav'rite charity,
Hose' favorite cha-ree-tee, see?
Hose' fav'rite cha-ree-tee,
An' 'at's me.*

... uma mão agarrando um cabo! Vou cair sete andares e me arrebetar no convés, eu e o gnomo::::: mas um *milagre!* Ele agarra o cabo com a outra mão ao se balançar para cima... sim, um *milagre!* E isso redistribui o peso! Os dois ombros, os dois pulsos, as duas mãos estão bem outra vez... mantidos intactos somente pelo mais fino cordão de aço de agonia insuportável! Somente esse cordão pode salvá-lo, junto com aquele gnomo sujo e marrom, de cair sete andares e terminar feito dois sacos amorfos de tegumentos roxo-equimóticos cheios de ossos quebrados! Lá embaixo o convés está coalhado de rostos do tamanho de bolas de gude. De cima da ponte chovem injúrias, vaías e *exclamações* nojentas daqueles animais... mas agora ele sabe! Tem o poder de perseverar em um estado de dor morbidamente horripilante! Já *balançando* outra vez... e ele consegue...

'At's me, see?

An' 'at's me.

Fúria lá de cima... espectadores boquiabertos lá embaixo... mas ele pensa em apenas uma alma, o sargento minoritário McCorkle, um *americano* descerebrado, mas mesmo assim *sargento*... outra braçada... e ele consegue... o maldito fone continua tocando. :::::Idiotas! Não percebem...

An' 'at's me, see?

An' 'at's me.

Yo yo!

... que estão bombeando toxinas e bagunçando minha cabeça? Ah, pro inferno com isso!::::: Outra braçada... ele consegue. :::::*Dios mío querido*, juntos olhamos para a teia de sangue nos olhos deles, e para os desapaixonados olhos vermelhos das câmeras de TV!::::: Outra braçada... ele...

“...Yo yo!

Mismo! Mismo!”

consegue... outra... outra... outra... *¡Dios mío!* Apenas três metros acima do convés... aquele mar de olhos esbugalhados e bocas abertas... *o que é isso!!??* O pequeno saco de pânico sujo e equimótico voltou à vida... está se debatendo feito um peixe preso nas tenazes que são as pernas de Nestor... uma verdadeira floresta de mãos

“Yo yo yo yo yo.”

estendidas para o alto na proa, mas o cabo vai além delas, até o gurupés *bipe bipe bipe bipe bipe*... uma mensagem de texto! E os dois, Nestor e o homúnculo marrom sujo... ele está livre da chave de pernas! *Agora* não... tarde demais! Ele *se livra!* No instante seguinte os dois corpos, o de Nestor e o do gnomo, despencam da ponta do gurupés e caem na água. Estão dentro d'água... e é exatamente como Lonnie Kite falou! O maníaco se livrou da chave de pernas e está... *atacando* Nestor! Dando *pontapés* nele! Puxando seu cabelo! *Quebraaaaaando* seu nariz com o antebraço... Kite tinha

razão! Nestor apara os golpes cada vez mais fracos do baixinho, avança, dá-lhe uma gravata e isso resolve! A criaturazinha fica inerte! Acabada! UFC dentro d'água!

Quando eles chegam à tona, Nestor tem sua pequena presa escorregadia em uma chave de salva-vidas policial... o gnomo está tossindo água. A menos de um metro... o Barco Seguro! Lonnie está ao leme. Nestor reentra no mundo a partir de um cosmo distante... Lonnie está puxando o homúnculo marrom sujo para o convés de panqueca borrachuda... e depois Nestor... quem *são* essas pessoas? Nestor se vê bem perto da escuna. Ele se vira para o convés... o sol explode em dois grandes olhos de vidro... câmeras de TV... e bem ali... inclinado sobre a amurada... o louro sargento McCorkle.

O sargento não precisa dizer uma só palavra... está tudo no seu rosto. Agora Nestor Camacho é *um policial*... um policial *de verdade*... tão verdadeiro quanto é possível ser... Nestor Camacho entra no Paraíso.

O sargento McCorkle entregou o rato afogado à Guarda Costeira bem ali no meio da baía. Depois ele, Nestor e Lonnie Kite levaram o Barco Seguro de volta à marina da Patrulha Marítima, que se projetava baía adentro pelo lado de Miami. Durante todo o trajeto, o sargento e Lonnie foram elogiando Nestor à maneira aceita entre policiais, como se aquilo nem fosse elogio.

— Meu Deus, cara! — disse Lonnie Kite. Portanto, agora ele já era um *cara*, um camarada! — Aquele putinho ficou se debatendo ali no final, depois que você salvou o rabo dele... por que *aquilo*? Você chutou os colhões dele pra ver se ele estava vivo?

Nestor foi só surfando rumo à euforia.

Os outros caras na marina também ficaram empolgados com Nestor. Aos olhos dos policiais, tanto cubanos quanto não cubanos, ele realizara uma proeza de força sobre-humana, totalmente... insuperável.

O sargento McCorkle já virara seu parceiro... seu *parceiro*! — Olhe, Nestor... eu só falei para você tirar o cara de cima da porra do mastro! Não mandei armar um número de corda bamba para a porra da cidade inteira!

Todos riram, e Nestor riu com eles. Seu celular fez *bipe bipe bipe bipe*, sinalizando uma mensagem de texto. Magdalena! Ele desviou os olhos muito rapidamente... *Magdalena!* Mas a mensagem não era de Magdalena. Dizia: “Desobedecer ordens injustas é prova de caráter.” Só isso; essa era a mensagem inteira. Estava assinada: “Seu ex-professor, seu amigo não importa o quê, Jaime Bosch.” Bosch ensinava redação e compreensão de texto na Academia de Polícia. Ele era o professor predileto de todos. Dera aulas particulares para Nestor fora do expediente escolar, puramente como um favor e por amor ao ensino. “Desobedecer ordens injustas é uma prova de caráter”... Nestor não conseguia entender aquilo, que fazia sua cabeça doer... muito.

Ele ergueu o olhar para o resto do pessoal, tentando não mostrar sua perplexidade. Graças a Deus ainda estavam todos de ótimo humor, rindo bastante. Umberto Delgado, que fora da turma de Nestor na Academia de Polícia, disse em inglês: — Que porra foi essa de dar uma tesoura de pernas no cara, Nestorcito? Aquela chave é para imobilizar os putos quando a gente está rolando na terra... e não para carregar alguém por trinta metros da porra de um cabo náutico no ar!

Todos se divertiram a valer, rindo muito... e Nestor adorou! Mas as três mensagens de texto que restavam... ele *precisava* ler aquilo... haviam chegado *enquanto* sua vida estava literalmente por um fio... enquanto ele segurava o homem do mastro entre as pernas e descia o cabo com uma só mão de cada vez. Nestor começou a arder de curiosidade, com uma apreensão a que evitava dar nome... e uma esperança... Magdalena! Mais uma vez desviou os olhos por um instante. A primeira mensagem dizia “pq vc Nestor pq vc”... e não era de Magdalena. Era de Cecilia Romero. Estranhamente, ela era a garota com quem ele vinha saindo quando conhecera Magdalena. Esquisito... o que significava “pq vc Nestor pq vc”? Intrigante... mas ele não demonstrou isso... só voltou à eufórica maré de riso viril da Patrulha Marítima... deixando apenas que uma dúvida diminuta germinasse.

— Você gostou de ver aquele vermezinho partir pro ataque assim que ficou dentro d’água, Nestor? — disse o patrulheiro Kite. — Eu falei que esses filhos da puta viram monstros assim que ficam dentro d’água!

— Eu devia ter escutado você, Lonnie! — disse Nestor. Trinta minutos antes ele nem teria pensado em se dirigir ao patrulheiro Kite pelo primeiro nome. Sentindo-se muito viril, acrescentou: — Aquele pentelho foi um peso morto na descida toda, e resolve reviver assim que ficamos dez centímetros dentro d'água! Antes que eu entendesse o que estava acontecendo, ele quase quebrou a porra do meu nariz só com a mão!

Todos riram a valer... mas Nestor *precisava* ler as duas mensagens restantes. Era compelido por curiosidade, ansiedade e um último suspiro de esperança... talvez uma *seja* de Magdalena! Ele ousou desviar os olhos para o celular mais uma vez. Ousou... *precisava*. O primeiro texto era de J. Cortez. Ele não conhecia J. Cortez algum. A mensagem dizia: “ok tu e um latingo muito famoso... e agora?” O que significava “latingo”? Até depressa demais, ele entendeu. Um latingo só podia ser um latino que tinha virado *gringo*. E o que *isso* significava? O humor reinava na sala, mas Nestor não conseguia evitar... precisava mergulhar até o fundo. O último texto era de Inga La Gringa. Dizia: “Você pode se esconder embaixo da minha cama a qualquer hora, Nestorcito.” Inga era atendente do balcão e garçonne em um lugar logo ali na esquina da marina. Era muito sexy: uma loura do Báltico, com peitos incríveis que ela conseguia apontar para cima feito mísseis, e que também gostava de exibir. Ela fora criada na Estônia... tinha um sotaque sexy... era uma figura e tanto, mas já passava dos 40, não muito mais jovem que a mãe de Nestor. Era quase como se ela fosse capaz de saber exatamente o que ele estava pensando. Toda vez que ele entrava no lugar, Inga se aproximava de um jeito faceiro, mas cômico, garantindo que ele desse uma boa olhadela no sulco entre seus seios... ou ela estava *meramente* brincando? Inga o chamava de “Nestorcito” porque uma vez ouvira Umberto chamá-lo assim. De modo que ele a chamava de Inga La Gringa. Dera-lhe seu celular quando ela dissera que seu irmão podia ajudá-lo a consertar o comando do cabeçote no Camaro dele... coisa que ele fizera. Os dois se provocavam mutuamente... certo, “provocavam”, mas Nestor nunca dera o passo seguinte, embora ficasse muito tentado. Mas por que ela dissera “Você pode se *esconder* embaixo da minha cama”? Esconder de quê? Claro

que ela só estava brincando daquele seu jeito lúbrico de Inga La Gringa, venha-se-aninhar-no-meu-decote-macio... mas por que “Você pode se *esconder* embaixo da minha cama”?

De alguma forma, aquilo o atingia mais do que uma piada como “latingo”. “Esconder”, diz Inga, uma amiga faceira? Nestor sentiu sua expressão murchar... desta vez o resto do pessoal com certeza notaria... mas o sargento salvou o dia.

— Sabe o que mais me impressiona? Que aqueles garotos no barco fossem tão *viadinhos*. Eles se cagaram de medo só porque um baixinho apavorado, que mais parecia um rato afogado, e que não pesaria 55 quilos nem depois de comer um Big Mac, apareceu na porra do veleiro deles. Alguns daqueles viados pesavam cem quilos, metade banha, mas eram garotos grandes. Não há razão no mundo para terem deixado o coitado do escrotinho trepar na porra do mastro e quase se matar... além de serem uns cagões da *porra*! Eles têm noção de que não deviam sair com um barco daquele tamanho na porra da água... por serem tão viados? “Ai, a gente não sabia se ele tinha uma arma, uma faca ou coisa assim”... que *babaquice*! Aquele escrotinho mal tinha uma *roupa* no corpo. Então precisamos mandar o Nestor aqui escalar a porra de um mastro de mais de vinte metros, brincando de Super-Homem, e arriscar o rabo para tirar o escrotinho de uma cadeira de contramestre deste tamanhinho, e depois descer o sujeito por um maldito cabo de vela de trinta metros. — O sargento abanou a cabeça. — Sabe do que mais? Devíamos ter autuado aqueles viados e mandado *todos* pra Cuba, deixando o rato afogado aqui. Assim teríamos saído no lucro!

Ei! Quem são *aqueles dois*, que acabam de se juntar ao grupo de policiais da Patrulha Marítima? Não têm a menor cara de serem policiais, que diabo. Na verdade, são um repórter e um fotógrafo do *Miami Herald*. Nestor nunca ouvira falar que um repórter fora tão longe, até aquele ponto da baía. O fotógrafo era um baixinho moreno que usava uma espécie de colete de safári, cheio de bolsos, todo aberto. Nestor não conseguia saber o que ele era... mas não havia dúvida quanto ao repórter. Esse era um

americano clássico: alto, magro, pálido, de paletó azul-marinho, camisa social azul-clara, calças cáqui com vincos bem passados na frente... tudo muito respeitável. Respeitável até demais. Quem já vira algum repórter de paletó em Miami? Esse falava tão suavemente que até parecia tímido. Seu nome era John Smith, aparentemente. Não dava para ser mais *americano* do que isso, dava?

— Mal acredito no que você acabou de *fazer* — disse o americano clássico.
— Não acreditaria que alguém conseguisse descer aquele troço, balançando-se só com as mãos e segurando outra pessoa entre as pernas. Onde você arranjou essa força? Faz levantamento de peso... ou o *quê*?

Nestor nunca falara com um repórter antes. Talvez nem devesse fazer aquilo. Olhou para o sargento McCorkle. O sargento sorriu e lhe deu uma leve piscadela, como quem diz “Tudo bem, vá em frente e conte a ele”.

Foi o que bastou. Com bastante modéstia, Nestor começou: — Não acho que seja preciso força, exatamente...

Ele *tentou* continuar na trilha da modéstia... mas simplesmente não conseguia parar de falar com aquele americano. Não curtia levantamento de peso para a parte superior do corpo. É muito melhor escalar uma, digamos, corda de vinte metros sem usar as pernas. Isso cuida de tudo: braços, costas, peito... tudo.

— Onde você faz isso? — disse o tal John Smith.

— Na “Ññññññoooooooooooo!!! Qué Gym!” do Rodriguez, como dizem.

O americano riu. — *Como en* “Ññññññoooooooooooo!!! Qué barata!”?

:::::Esse americano não só fala espanhol, como deve ouvir rádio em espanhol! Só assim dá para ouvir o comercial “Ññññññoooooooooooo!!! Qué barata!”:::::

— *Es verdad* — disse Nestor. Era um cumprimento linguístico a John Smith por seu domínio de espanhol. — Mas é preciso usar pesos, fazer agachamentos, e tudo mais para as pernas. Nem sei o que se pode fazer para carregar um baixinho como aquele cara com as pernas... a não ser tentar evitar o troço todo.

Ali havia um leve toque de modéstia... autodeboche... ou qualquer outra coisa. Nestor baixou o olhar, como que conferindo o uniforme. Ainda tentou se convencer de que aquilo que estava prestes a fazer era inconsciente... o que por si só já transformava tudo em autofraudulência.

— *Dios mío*, essa camisa está encharcada e suja pra caralho! Dá pra sentir o *cheiro* — disse ele. Olhou para Umberto, como se aquilo nada tivesse a ver com os dois caras do *Herald*, e disse: — Onde tem umas camisas secas?

— Camisas secas? — disse Umberto. — Não sei, a menos que sejam guardadas em...

Mas Nestor já parara de ouvir. Estava ocupado em tirar a camisa molhada por cima do dorso, dos braços e da cabeça, coisa que exigia erguer totalmente os braços. Fez uma careta como que de dor. — Aaaaa! Está doendo pra caralho! Devo ter deslocado alguma coisa nos ombros.

— Deve mesmo — disse Umberto.

De repente o fotografozinho moreno de John Smith ergueu a câmera até os olhos e começou a apertar o botão sem parar. Então o sargento McCorkle avançou, pegou Nestor pelo cotovelo e puxou-o dali. — Nós temos camisas lá dentro, não no *Miami Herald*. Entendeu o que eu estou dizendo?

Ele afastou Nestor depressa, mas perto o suficiente para dizer em voz baixa: — Você pode falar com a imprensa no local assim, desde que não revele nossas estratégias ou políticas. Mas não é pra ficar exibindo a porra do seu físico. Entendeu o que eu estou dizendo?

Mas ele estava rindo. Não seria naquele dia que iria dar uma de durão em cima do patrulheiro Nestor Camacho... que continuava no Paraíso.